

OS OSSOS DO OFÍCIO: SORTE E RELAÇÕES PESSOAIS NA PALEOANTROPOLOGIA

Gustavo Lins Ribeiro

As diversas práticas acadêmicas apresentam distintas especificidades que podem ser interpretadas por praticantes de outros, ou de correlatos, campos de conhecimento. Como um exercício nesta direção, nos deteremos em apresentar certas reflexões que nos foram sugeridas pela leitura de *Lucy, O Começo da Humanidade* (Johanson & Edey: 1982).

Todo livro permite uma grande variedade de leituras e, em consequência, de diferentes interpretações. *Lucy O Começo da Humanidade* é um livro bem escrito que tem dois objetivos aparentemente diferentes, mas, no entanto, relacionados entre si: (1) ser um livro de vulgarização científica e (2) ser um *best-seller*. Neste sentido, Johanson & Edey nos fornecem um relato extenso da história da descoberta de fósseis e os rearranjos teóricos devidos a estas descobertas.

Creio que para entender *Lucy* como um objeto cultural, existem dois importantes fatores que necessitam ser considerados. Primeiro: é um livro escrito por dois autores que nele têm duas funções distintas. Johanson provê a fonte de dados, o grosso da informação científica. Edey é "um dos mais proeminentes escritores americanos sobre assuntos científicos", e cuja tarefa é pasteurizar a dura linguagem científica em doce idioma consumível popularmente. Segundo: é um livro da Editora Warner. Isto é, um produto que entra no mercado apoiado em uma das maiores corporações da indústria de comunicação mundial. Aparentemente por causa disto — e, evidentemente, também por causa do valor intrínseco do fóssil — *Lucy* é um dos mais conhecidos fósseis na história, o que não é necessariamente bom ou mau. A vulgarização de conhecimento científico pode disseminar amplamente informações acuradas que estavam anteriormente restri-

tas a uma minoria privilegiada. Por outro lado, vulgarização pode também resultar numa perda relativa de densidade científica, e em algum mal-estar entre os praticantes de uma ciência.

As descobertas de Johanson em Afar têm importantes implicações para as suposições, reflexões e evidências de uma teoria geral da evolução humana. De fato, são muitas: 1) empurra, no tempo, a provável aparição de uma forma hominídea, para aproximadamente 3 milhões e quinhentos mil anos A. P. (antes do presente); 2) estabelece *A. Afarensis* como o ancestral de *A. Africanus* e *A. Robustus* tanto quanto de *Homo Habilis*, *Homo Erectus* e *Homo Sapiens*; 3) desloca, portanto, *A. Africanus* da posição de mais antiga forma hominídea conhecida. *Africanus* permaneceria na posição de Ancestral de *A. Robustus*. Assim, 4) *Africanus* não deve mais ser considerado como um ancestral dos homens, porque desemboca num beco sem saída. *Afarensis* é eleito como o mais antigo ancestral do homem moderno. Esta explicação ainda desperta controvérsia principalmente devido a diferenças metodológicas na explicação do processo evolutivo.

A despeito da grande importância destas questões, privilegiarei o entendimento dos fatores metodológicos e práticos presentes *no fazer* da paleantropologia.

1 ALGUMAS QUESTÕES METODOLÓGICAS NA PALEOANTROPOLOGIA

O estudo da evolução humana é um campo de demonstração constante das maneiras através das quais novas evidências rearranjam o conhecimento científico, tornando-o mais complexo, e levando-o a novas e mais profundas discussões. Como um campo epistemológico, é interessante porque mostra claramente as relações mantidas entre os *dados*, coletados através de certas *técnicas*, que provêm *evidências* que informam *hipóteses* e *modelos*. Estes são discutidos, comparados e relacionados a uma certa *teoria* geral.

Mudemos um pouco a perspectiva. O estudo da evolução humana pode mostrar como 1) os dados são ajustados a um quadro teórico pré-existente (por exemplo, a insistência de que a criança de Taung era uma forma pertencente a um chimpanzé e não a um hominídeo, apesar da ambigüidade da evidência); e, como 2) um quadro teórico se ajusta a novos dados (as mudanças nos modelos gerais da evolução humana causadas por diferentes descobertas de fósseis). Em resumo, visualizar a paleoantropologia como uma disciplina com seus problemas e histórias particulares, leva-nos a conceber a prática científica como um campo composto de várias, transitórias tensões em transformação.

Existe, no entanto, um fator particular à paleoantropologia, ao menos como é apresentada em *Lucy*, que gostaríamos de destacar. Relaciona-se com sua prática de campo. Explicitaremos o *papel do acaso* nas descobertas de fósseis. As descobertas são fundamentais para o conhecimento paleoantropológico porque fornecem sua principal base empírica. As descobertas são o que provêm evidências para a construção de hipóteses, modelos e teorias que informarão a perspectiva que direciona quais novas descobertas são necessárias para checar o presente momento de conhecimento.

Mas, encontrar fósseis, apesar das novas e sofisticadas técnicas locais, ainda requer uma grande dose de *sorte*. Num livro como *Lucy* a palavra *sorte*, ou uma equivalente, associa-se com quase todas importantes descobertas de fósseis (veja, p. ex., pp 15, 156, 117, 250, 251). Não é intuitivamente óbvio porque uma palavra tão imponderável é usada tão freqüentemente para descrever passo tão importante no fazer paleoantropológico. Descobrir uma descoberta parece ser uma combinação de habilidades adquiridas (ser-capaz-de-descobrir) e um momento/opportunidade concreto a) — acaso — para a descoberta. Pode-se não ser um bom descobridor de fósseis apesar de se possuir um treinamento competente. Por outro lado, uma criança Afar pode realizar descobertas importantes sem possuir nenhum treinamento prévio formal (p. 227). Repitamos: a descoberta é uma combinação entre um conhecimento prévio do que se está buscando, e um momento não totalmente previsível. Pode-se passar toda uma vida procurando algo, sem encontrar-se nada em especial, enquanto outros “facilmente” encontrarão. Isso significa que num momento muito fundamental, a construção do conhecimento paleoantropológico pode depender de uma grande quantidade de aleatoriedade. Serendipidade tem um lugar conhecido na história da ciência. É um elemento não-controlado que desenvolve informação que o analista precisa, através da posse de um conhecimento prévio, ser capaz de ler, entender e situar num novo sistema. Parece que uma parte significativa da produção do conhecimento paleoantropológico baseia-se na expectativa deste fator aleatório. Não é por acaso que Johanson termina o livro com o seguinte diálogo:

“ . . . você ainda tem que descobrir os fósseis, -disse o sempre cético White.

— Você duvida que encontraremos? Por um só momento?

— Duvido de tudo.

— Aposto aquela garrafa de vinho que o Richard Leakey me deve, como estão lá. Têm que estar. E se estão, a gente vai encontrar.” (p. 376).

Uma conversa de Mary Leakey com Johanson é uma ilustração melhor ainda:

“Pois é, você é como um Leakey. Você pode achar fósseis. Você sabe onde procurá-los e onde achá-los. Isso é uma das características dos Leakey. (. . .) Você também se parece conosco em outra maneira. Você tem sorte. Não subestime a sorte. Olha o coitado do Clark Howell. Se tem alguém sem sorte, é o Clark. Ele está procurando por homínídeos há anos, e não achou tanta coisa assim” (p. 251).

Existem ainda duas questões relacionadas com sorte e descoberta. A primeira é que elas têm um lugar tão poderoso dentro da paleoantropologia que se pode chegar ao ponto de falsificar descobertas. O escandaloso caso da falsificação do Homem de Piltdown (veja-se pp. 77-83) mostra quão vulnerável, ao menos no seu começo, era a paleoantropologia à ansiedade de descobrir algo que provoque uma revolução no presente estado do conhecimento.

A segunda questão é que o que geralmente se descobre são partes de um obscuro organismo, perdido num passado distante e que necessita ser reconstruí-

do. O processo de algumas dessas reconstruções parece-se muito com uma *bricolage*.* O paleoantropólogo-*bricoleur* reconstrói um indivíduo, ou uma importante parte de um indivíduo, colocando juntas diferentes partes de diferentes indivíduos que podem vir de diferentes tempos ou áreas. O uso de *bricolage* pode-se relacionar também à ansiedade de descobrir novos dados que modifiquem o conhecimento presente. A originalidade deste uso de *bricolage* reside na possibilidade da existência de uma maneira particular de produzir conhecimento na paleoantropologia. Esta maneira relacionar-se-ia com elementos imponderáveis como a sorte e uma interpretação especial de um universo heteróclito. A analogia mais comum relaciona essa "maneira particular" ao *quebra-cabeça* (cf. p. 120) e ao *garimpeiro* (cf. p. 159). No entanto, a discussão teórica da lógica da paleoantropologia nos levaria muito além dos limites desta resenha.

2 COISAS QUE MODELOS TEÓRICOS NÃO DIZEM SOBRE COMO SER UM PALEOANTROPÓLOGO DE SUCESSO; OU: "EU ESTAVA APRENDENDO QUE PARA SER UM ANTROPÓLOGO NÃO BASTAM APENAS OS OSSOS" (p. 165).

Lucy mostra que além de conhecer a lógica da Paleoantropologia, o acadêmico deveria saber também a lógica de como os paleoantropólogos funcionam, para poder chegar ao topo da sua disciplina. Esta seção desta resenha dedica-se principalmente a apontar a importância das relações pessoais, como se expressam em diferentes aspectos e dimensões, na prática profissional de um paleoantropólogo. Novamente, parece que elementos "imponderáveis" — não tanto quanto sorte — interferem. Aqui entram simpatia, ódio, amor, inveja, redes de parentesco e amizade.

Relações pessoais, e seus subprodutos, parecem ser importantes em muitas maneiras diferentes para um acadêmico de sucesso como Johanson, que percebeu quão personalizada é a produção acadêmica antes de entrar para o grupo de estudantes de pós-graduação de Clark Howell. De fato, foi através das relações pessoais estabelecidas através daquele grupo que ele conseguiu sua primeira experiência de campo num sítio de prestígio. Mais tarde, Johanson conheceu Taieb (geólogo francês do qual foi colega em expedições internacionais organizadas para explorar o sítio de Afar) numa festa em Paris, para profissionais de interesses correlatos. A organização e funcionamento dessas festas relacionam-se com uma complexa interação de diferentes redes de profissionais às quais nem todos têm acesso. De novo, temos que notar que Johanson claramente afirma que ele teve *sorte* em conhecer Taieb (pp. 128, 132).

Com efeito, as relações pessoais podem também ser importantes para 1) publicar artigos, 2) conseguir financiamentos; 3) manifestar ataques, defesas, ou silêncios públicos em assuntos polêmicos 4) a percepção de um indivíduo como

* *Bricolage* é um termo francês relativo à arte de construir novos objetos a partir daqueles preexistentes, e elaborados para funções diferentes daquelas agora existentes como resultado do novo arranjo. É usado por Levi-Strauss (1976) para (a) caracterizar uma "primeira" ciência ao invés de uma ciência primitiva; e (b) para caracterizar o pensamento mítico.

bom ou nem-tanto-assim profissional. Há uma afirmação de Johanson que captura a essência de certas estratégias usadas por alguns acadêmicos na tentativa de avançar em suas carreiras: "Eu tinha que me autopromover" (p. 149).

Um tal sistema de relações pessoais pode resultar numa forma de controle social. Pode também levar a estruturas centralizadas que são basicamente autoritárias. A pessoa, ou pessoas, na posição mais alta pode demandar alianças e obediências automáticas. Isto, de uma maneira ou de outra, reflete-se na concepção geral de que o lugar de pesquisa "x" é propriedade do acadêmico "y" e, assim, dados e raciocínios deveriam passar por sua aprovação. (cf. pp 241, 242, 290) Estruturas hierárquicas centralizadas não se limitam apenas a estas dimensões; as expedições também tendem a ser altamente centralizadas e autoritárias.

Lucy: O Começo da Humanidade é um livro que deve ter provocado desconforto entre os paleoantropólogos. Escrito de forma personalizada, revela dimensões que são parte da lógica da paleoantropologia mas que se encontram encobertas porque trazem à luz não apenas ossos petrificados mas também a carne e o sangue desta disciplina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JOHANSON, D. & EDEY, M. *Lucy, the Beginnings of Humankind*. New York, Warner Books Edition, 1982.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976.

